

TÍTULO

At the end of the day, It's all about People

AUTOR

ANTÓNIO PORTO MONTEIRO

Ex Director Sustentabilidade da The Navigator Company até 2020, e no World Business Council for Sustainable Development foi membro do Working Group “Vision 2050” (2019-2020).

RESUMO

Não há outra alternativa, para todos, Estados, empresas, cidadãos, se não darem as mãos e cooperarem na construção das soluções necessárias.

Ou conseguimos TODOS, ou falhamos TODOS.

TODOS. TODOS. TODOS.

Tão simples como isso.

ARTIGO

Porque precisamos de nos preocupar com os grandes desafios colocados ao Planeta e ligados à Sustentabilidade.

At the end of the day, It's all about People

Vivemos numa Aldeia Global.

Habitamos todos numa “Casa Comum”, naquela que foi uma feliz expressão do Papa Francisco. Tem TUDO que ver com TODOS. “Estamos todos no mesmo barco”... TODOS. TODOS. TODOS.

O nosso Planeta, onde vivemos (nós as Pessoas – *It s all about People*, como repetidamente costumo dizer), confronta-se actualmente, neste Terceiro Milénio, com uma série de desafios à escala global, que o World Business Council for Sustainable Development (WBCSD), organização mundial representativa de 200 empresas a nível global e de aproximadamente 10% do PIB mundial, define como mais cruciais as seguintes três:

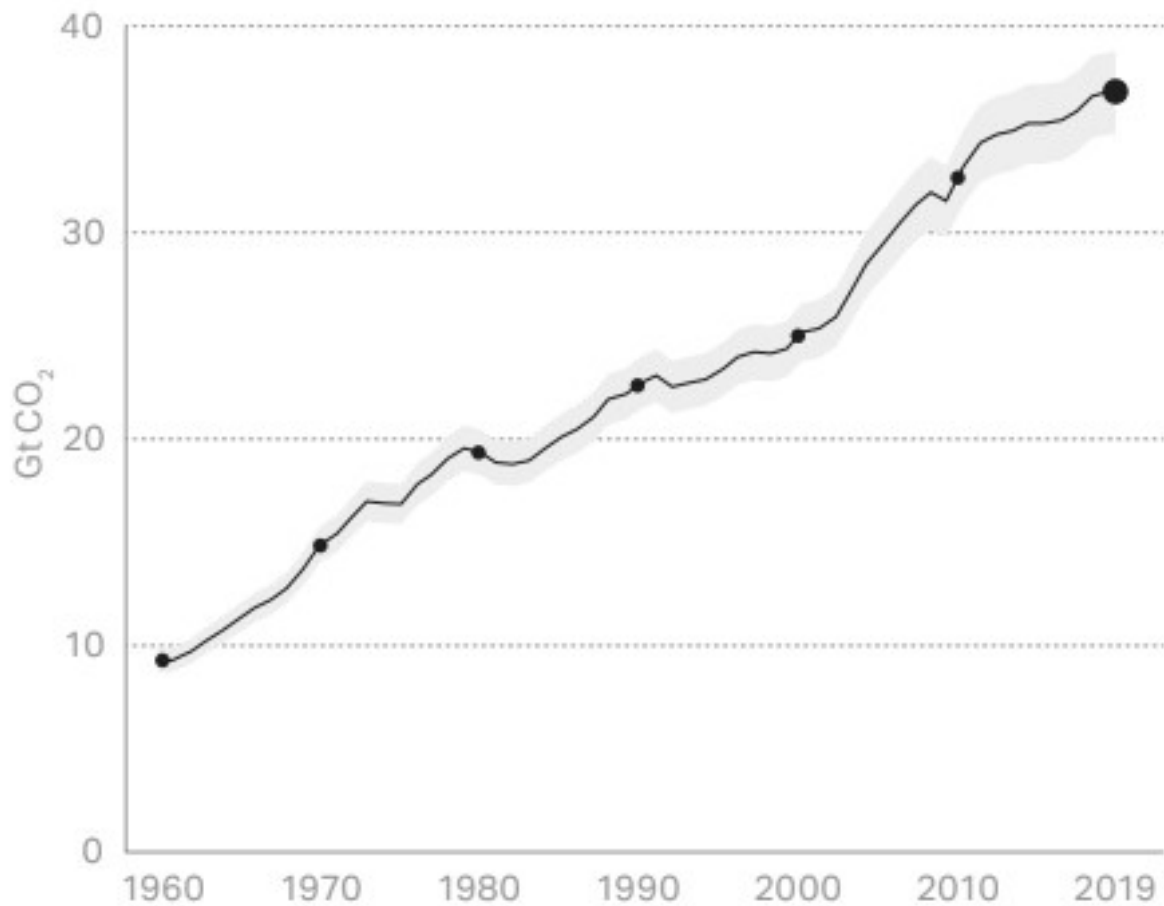
1. Emergência Climática (*Climate Emergency*)
2. Perda de Biodiversidade (*Nature Loss*)
3. Crescente Desigualdade (*Mounting Inequality*)

E acrescentaria outras duas também omnipresentes:

4. Crises Pandémicas

5. A Digitalização e o Futuro do Trabalho

1. Emergência Climática (*Climate Emergency*)

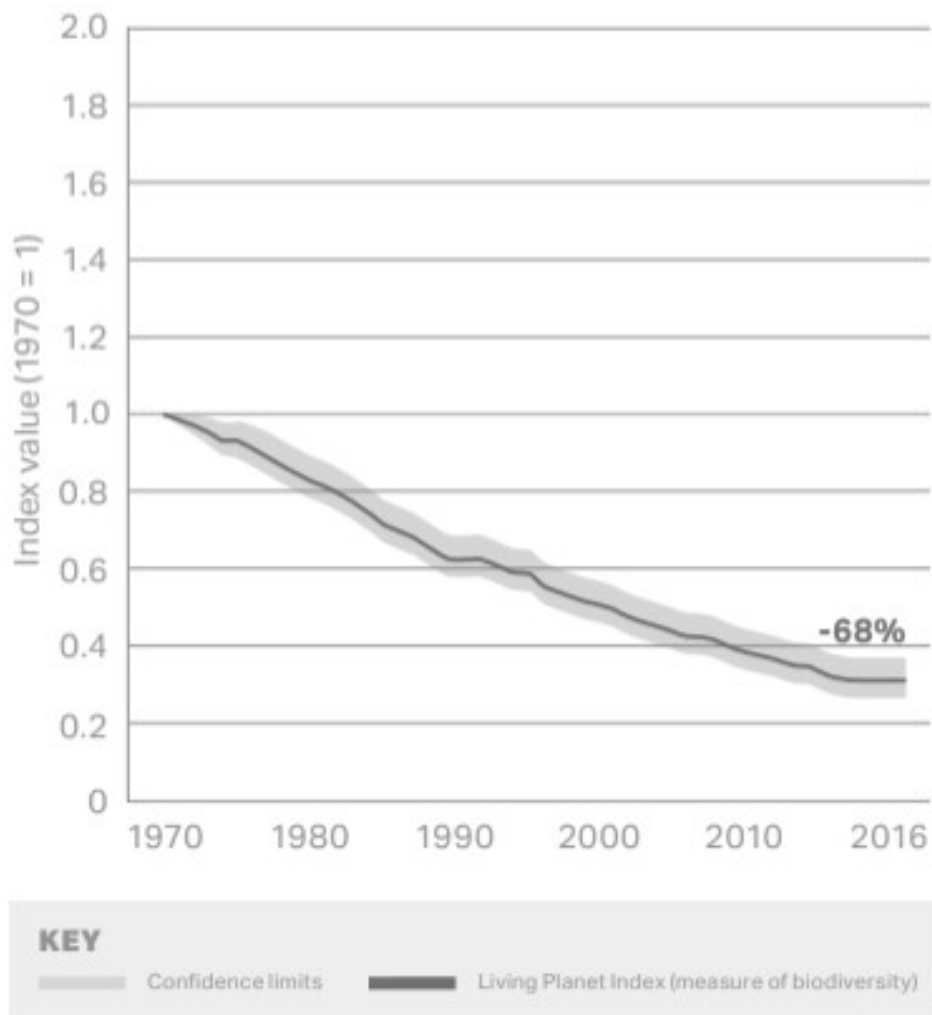


Source: Global Carbon Project, 2020

Emissões fósseis a nível global, 1960-2019

2. Perda da Natureza (*Nature Loss*)

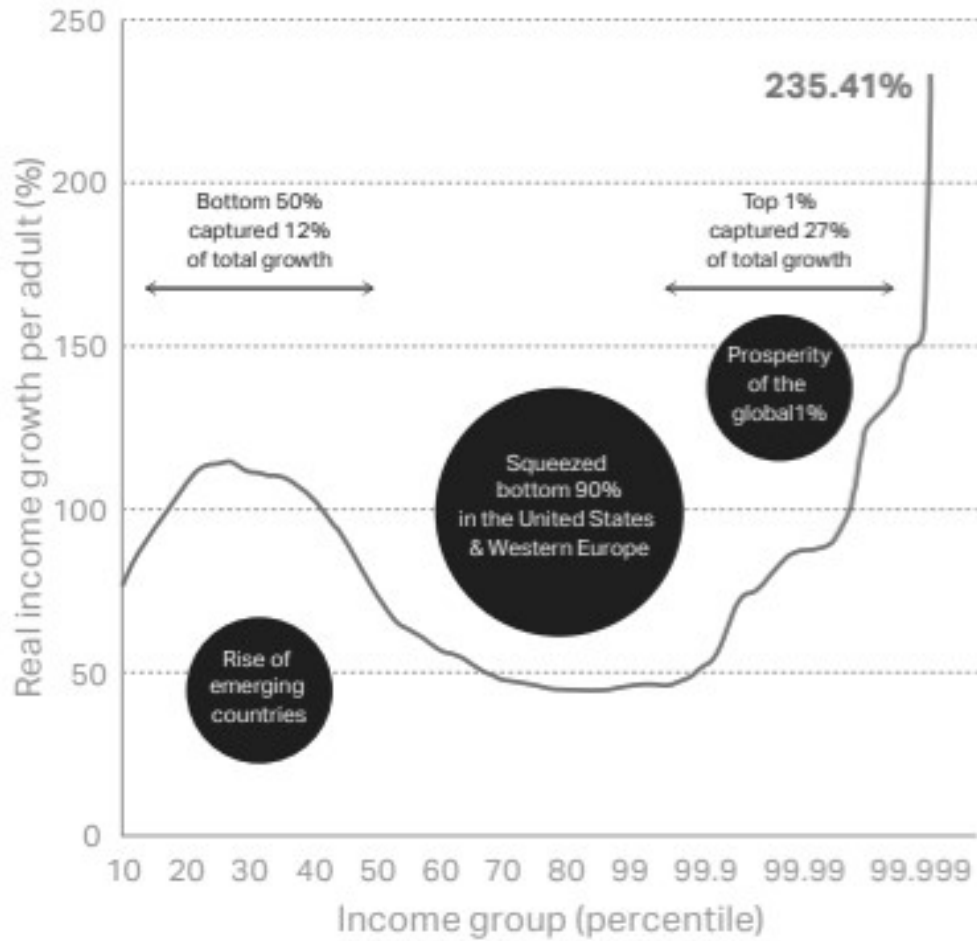
Perda Biodiversidade a Nível Global, 1970-2016



Source: WWF/ZSL, 2020

3. Crescente Desigualdade (*Mounting Inequality*)

Desigualdade humana e de crescimento, 1980-2016



Source: *The Future is Now: Science for Achieving Sustainable Development*, United Nations, 2019

Estes cinco desafios que se colocam à Humanidade (às Pessoas) e à “casa comum” em que vivem (o Planeta) são transfronteiriças e completamente do foro global.

Não há, portanto, outra alternativa, para todos (Estados, empresas, cidadãos, etc.) se não darem as mãos e cooperarem na construção das soluções necessárias.

Em termos de matriz de decisão nestas matérias relacionadas com a dimensão destes desafios numa perspetiva de médio/longo prazo, e até de curto prazo (2030 é “ao virar da esquina”), não há outra saída possível.

Ou conseguimos TODOS, ou falhamos TODOS.

Tão simples como isso.

It s all about Planet.

E, como não há Planeta B, como gosto de repetir para ser profundamente interiorizado como tal, *at the end of the day, it's all about People.*

**As respostas corporativas aos grandes desafios globais.
A minha experiência pessoal de como têm sido enfrentados
pelas Empresas, no sector onde estive inserido 22 anos.**

Estive durante 43 anos ligado a quatro grupos de nível mundial, tendo estado nos últimos 22 mais intimamente ligado ao sector da floresta, pasta de papel e papel.

É um sector que se destaca por ter empresas de excelência de há muitos anos a esta parte. Em que a sustentabilidade sempre esteve na linha da frente dos seus desafios, seja pela vertente florestal da sua matéria-prima, seja pela vertente industrial dos seus processos de fabrico, seja pela vertente comercial dos seus produtos disponibilizados globalmente a milhões de consumidores.

Empresas como as finlandesas UPM-Kymmene, Stora Enso ou Metsa, a americana International Paper, a sul-africana Mondi, a brasileira Suzano ou as portuguesas The Navigator Company e Altri sempre foram exemplos a nível mundial em vários domínios (relatórios de sustentabilidade, CDP Climate, ESG ratings, emissões gasosas e líquidas, etc).

Para citar dois exemplos recentes:

- A Mondi e a Stora Enso figuraram, em 2021, entre os 10 melhores Relatórios de Sustentabilidade considerados mundialmente, entre todos os negócios, pelo WBCSD – uma excelente *performance*.

- À The Navigator Company foi atribuída a classificação mais alta pelo CDP Climate, de Leadership A, em 2018 e 2020 (e A- em 2019), uma *performance* igualmente excepcional.

“O mundo não é obviamente perfeito” e há sempre muito por fazer ainda, mas neste sector de floresta, pasta e papel existe um genuíno esforço, de há muitos anos a esta parte, para melhorar claramente a respectiva “pegada ambiental”:

- Reduzindo, de modo sustentado e contínuo, as suas emissões gasosas (nomeadamente gases efeito de estufa), com uma ambição de neutralidade carbónica bem à frente da ambição europeia de 2050;
- Reduzindo, de modo sustentado e contínuo, as suas emissões líquidas;
- Reduzindo, de modo sustentado e contínuo, o consumo de água;
- Aumentando, de modo sustentado e contínuo, as práticas e os processos da economia circular;
- Promovendo uma gestão sustentável das suas florestas, nomeadamente na prevenção de incêndios.

Para além disso, passou a haver um aumento sustentado e contínuo do envolvimento dos vários *stakeholders* dessas empresas (embora ainda haja ainda bastante caminho para percorrer) no conhecimento e contribuição (quando possível) para a resolução dos problemas que se colocam nestes aspectos.

No caso mais premente da emergência climática (porventura o maior desafio global), costumo referir que para a equação da diminuição das emissões de CO₂ (ou da neutralidade Carbónica), existem dois lados para o qual estas empresas podem contribuir:

1. O lado do “Numerador de CO₂”

Aqui o desafio é diminuir a quantidade de CO₂, reduzindo a poluição industrial das fábricas, deixando de usar combustíveis fósseis e passando a usar energias renováveis.

2. O lado do “Denominador de CO₂”

Aqui as florestas destas empresas dão o seu valioso contributo para a retenção de CO₂, pelo que, quanto mais floresta, mais retenção de CO₂. São uma mitigação de enorme importância no caminho para a neutralidade carbónica.

Num outro domínio, que não o deste sector, os oceanos são também um enorme recurso de retenção de CO₂.

Respostas corporativas aos desafios existentes.

A minha experiência pessoal no sector onde estive inserido.

As pessoas usam os produtos provenientes do sector florestal (madeira, pasta de papel, papel de impressão e escrita, papel de embalagem, papel higiénico, etc.) no seu dia-a-dia, conforme ilustrado abaixo na figura de uma apresentação do European Forest Institute (EFI).

People use forests for their every day life

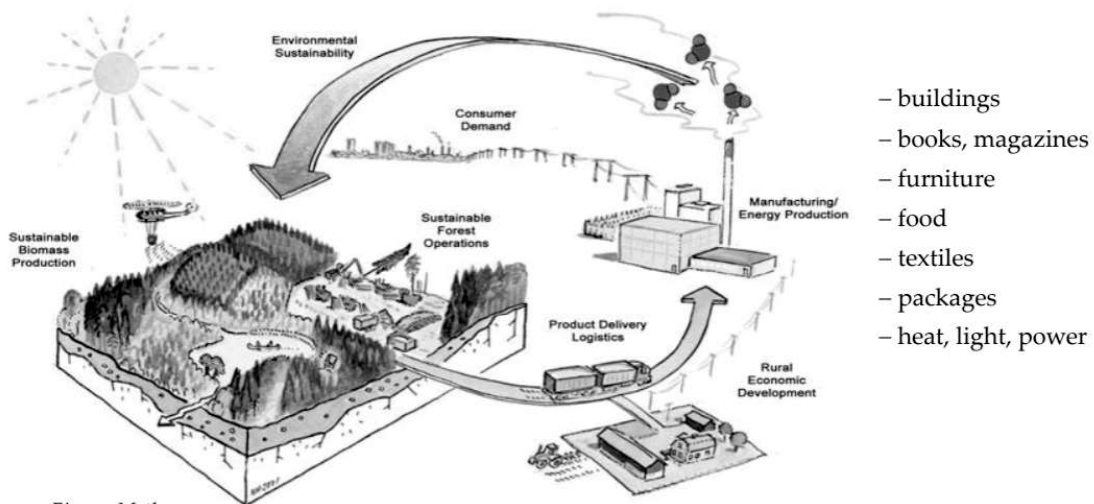


Figure: Metla

Para dar resposta aos desafios que se colocam em termos de sustentabilidade, são várias as tendências e os caminhos que diferentes produtores europeus e também alguns a nível mundial têm vindo a desenvolver:

- A evolução clara para a bioeconomia, apostando em produtos biocompostos;
- A aposta na substituição do plástico pelo papel, ao nível de sacos de papel e de embalagens;
- A aposta na substituição de fibras plásticas por fibras de base florestal na indústria têxtil;
- A aposta na construção em madeira em substituição da construção em cimento e em betão;
- A aposta na biomassa (*pellets, wood chips, etc.*) como matéria-prima para energias renováveis.

E também uma clara melhoria de práticas em termos de:

- Economia circular, aplicáveis aos diferentes tipos de resíduos gerados por este tipo de fábricas;
- Quantidade de água consumida e melhor gestão do seu uso (circularidade);
- Quantidade de recursos naturais utilizada (por exemplo, baixas gramagens em papel de impressão e escrita).

Uma visão pessoal sobre o futuro do Planeta – principais ameaças e oportunidades

Para quem é Pai de 4 filhos e Avô de 4 netos até à data, o futuro do nosso Planeta é assunto de primordial importância, numa lógica de círculos concêntricos (Portugal – Europa – Mundo), em termos das preocupações relativas aos quatro “P” da sustentabilidade (*People, Planet, Profit, Purpose*), mas em que o P de Planeta determina o P de Pessoas. *At the end of the day, it's all about People.*

Neste caso, as gerações de nossos filhos e netos e seus descendentes. Fará parte do legado enquanto Humanidade, o Mundo que lhes deixarmos.

Daí a enorme responsabilidade. É uma questão de Amor.

Ao nível de Portugal

No que diz respeito a Portugal, num artigo publicado a 1 de Dezembro de 2021 no jornal Público, a jornalista Patrícia Carvalho, baseando-se num estudo (“O Impacto Intergeracional do Uso dos Recursos Naturais”) encomendado pela Fundação Calouste Gulbenkian (coordenado pelos investigadores do Centro de Investigação Maretec, do IST, Tiago Domingos e Ricardo da Silva Vieira), colocava as seguintes questões:

- *As pressões que os portugueses estão a exercer sobre o planeta, ao nível da utilização dos seus recursos, estão dentro dos limites que este pode suportar?*
- *E as diferentes gerações têm-se comportado todas da mesma forma, nesta matéria?*

Más Notícias (Bad News) - as primeiras notícias não são boas:

- *“Analisando sete categorias — alterações climáticas, poluição da água, consumo de água doce, produção e deposição de resíduos, poluição atmosférica, destruição da camada de ozono e pressão sobre os ecossistemas —, os autores concluem que, neste momento, Portugal só não ultrapassa os limites ecológicos na última delas”;*
- *“As alterações climáticas, a poluição da água e o consumo de água doce são alguns dos indicadores mais preocupantes.”*

Boas Notícias (Good News) –

Mas também há boas notícias e razões para optimismo:

- *“Desde o início do século XX que quase todas as gerações ultrapassaram um ou mais de sete limites ecológicos analisados. A boa notícia é que essa transgressão está a baixar”;*
- *“Ao nível das gerações, o estudo refere que as mais velhas têm impactos per capita mais elevados ao nível da poluição da água e da pressão sobre os ecossistemas e que a única geração que, por enquanto, permanece dentro dos limites ecológicos analisados é a Z, que inclui as pessoas nascidas entre 1990 e 2019. Mas a razão é apenas uma: os seus elementos ainda não atingiram a idade de maior consumo, associada a maiores impactos. As gerações actuais e futuras podem emitir menos 41% de carbono do que na década de 1990.”*

Mudança de mentalidades nas gerações mais velhas

- *“As gerações mais velhas (nascidas entre 1924 e 1959), que transgrediram de forma mais acentuada os limites ecológicos, são também aquelas que iniciaram acções e políticas que levaram a que, em muitos casos, esse ultrapassar de limites tenha começado a decrescer, para elas e as gerações que se seguiram” (ex: “eficiência energética, energias renováveis, melhor tratamento de resíduos ou a introdução do gás natural.”).*

Os impactos das gerações mais jovens estão a ser mais baixos

Pelo que Portugal está a evoluir no bom sentido. Mas ainda há muito a fazer.

Ao nível da Europa

O Pacto Ecológico Europeu (*European Green Deal*) divulgado pela Presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, em 11 de Dezembro de 2019, é um conjunto de políticas e de estratégias da União Europeia para fazer face à ameaça do aquecimento global, tendo por objectivo diminuir as emissões de gases de efeito de estufa na Europa e, ao mesmo tempo, “reconciliar a economia com o nosso planeta” (P= Planet) e “fazê-lo funcionar para o nosso povo” (P= People).

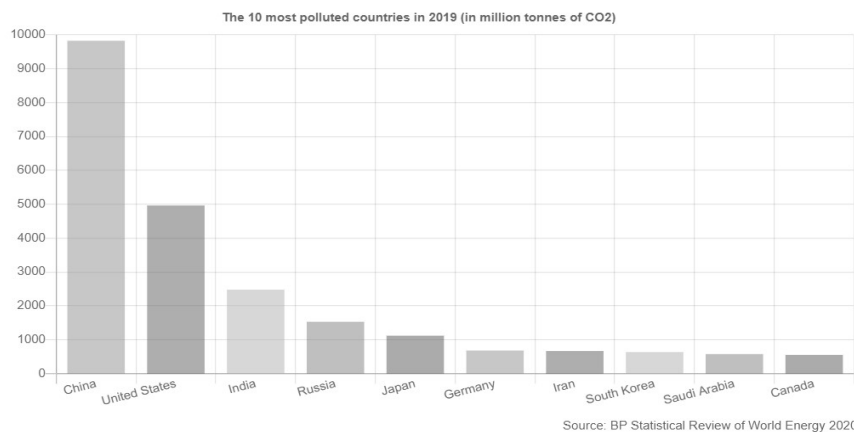
At the end of the day, it's all about People.

Nos planos ambiental e social, a Europa segue na dianteira a nível mundial, e, nesse sentido, somos uns privilegiados por viver “neste cantinho à beira mar plantado” da Europa. A consciência ambiental e social da União Europeia é muito elevada comparativamente ao resto do Mundo e, nesse sentido, os cinco países nórdicos (Finlândia, Suécia, Noruega, Dinamarca e Islândia) estão na linha da frente das boas práticas nestas matérias.

Ao nível mundial

É aqui que radicam as maiores preocupações quando se observa o *ranking* das nações mais poluidoras do Mundo (gases de efeito de estufa - GEE). Só com a Europa não vamos lá, como facilmente se vê. Existe, neste domínio, uma enorme dependência a nível mundial da poluição de GEE de nove países não europeus, e, no essencial, dos maiores cinco poluidores - China, EUA, Índia, Rússia e Japão-, que representam a “fatia de leão” a nível mundial.

Mas é também no próprio interesse deles fazer uma redução drástica destas emissões, pelo que acredito que o bom senso venha a imperar na governação desses cinco países.



At the end of the day, it's all about People.

Os 10 países mais poluidores em 2019 (em milhões de toneladas de CO2)

O grande desafio: Vision 2050

Tive o privilégio de participar (2019 – 2020) no grupo de trabalho no âmbito do World Business Council for Sustainable Development (WBCSD) que, nestes últimos anos, reuniu executivos de quase 40 empresas a nível mundial, com a missão de definir uma Visão para 2050 e esboçar as linhas de força dos caminhos para lá chegar:

*Vision 2050 - Time to Transform*¹.

A *Vision 2050* do WBCSD estabelece como Visão para 2050 :

“ 9+ billion people living well, within planetary boundaries, by 2050 “

Os caminhos até 2050

Caminhos de transformação para a Visão 2050	
Energia	Um sistema energético sustentável, fornecendo energia net-zero fiável acessível para todos
Transportes e mobilidade	Transporte de passageiros e de mercadorias seguro, acessível, limpo e eficiente
Habituação	Espaços habitacionais saudáveis e inclusivos em harmonia com a natureza
Produtos e materiais	A utilização de recursos é otimizada para responder às necessidades da sociedade, permitindo, ao mesmo tempo, a regeneração dos os sistemas fornecedores de recursos
Produtos e serviços financeiros	Todos os serviços e produtos financeiros são mobilizados para apoiarem o desenvolvimento sustentável
Conectividade	Conectividade responsável junta as pessoas, aumenta a transparência e a eficiência e aumenta o acesso a oportunidades
Saúde e bem-estar	O mais alto nível de saúde e bem-estar para todos
Água e saneamento	Ecossistemas aquáticos prósperos, suportes de alimentação, energia e saúde pública para todos
Alimentação	Um sistema de alimentação equitativo e regenerador, produzindo alimentos saudáveis, seguros e nutritivos para todos

¹ Documento disponível no *site* do WBCSD (www.wbcd.org) em <https://www.wbcd.org/Overview/About-us/Vision-2050-Time-to-Transform>

Bio

António Porto Monteiro foi membro do Working Group Vision 2050 do World Business Council for Sustainable Development (WBCSD).

Ao longo da sua carreira profissional esteve ligado a quatro grupos empresariais de nível mundial. Durante 22 anos (1997-2020) trabalhou na The Navigator Company, líder europeu papéis UWF, onde desempenhou os cargos de Director de Vendas Europa, Marketing, Business Development, e de Sustentabilidade.

Foi membro do *Board* de 9 subsidiárias da empresa: em Portugal, Espanha, França, Itália, Reino Unido, Alemanha, Holanda, Áustria e Polónia. E CEO da Colombo Energy, na Carolina do Sul, EUA.

António Porto Monteiro iniciou a sua carreira profissional na Quimigal (CUF), onde foi responsável de automação do maior projecto industrial português à data, a Fábrica de Amoníaco.

Seguiram-se 9 anos na multinacional finlandesa Neles Oy onde teve funções executivas no European Management Team e foi VP Marketing e VP SBU - Química, Petroquímica, Refinação Petróleo -, em ambos os cargos para a região EMEA.

Antes de ingressar na Navigator (Portucel à data) foi VP Marketing da região EMEA na multinacional americana Fisher (Emerson).